

Por uma visão não metonímica de cultura

Natália Aparecida Tiezzi Martins dos Santos¹
Edgar César Nolasco²

Resumo: Este artigo faz parte do projeto de pesquisa CNPq/UFMS “(In) Definições Culturais nas Culturas Locais de Mato Grosso do Sul”. Este presente trabalho propõe uma leitura atual e fundamentada do tema, partindo da premissa de que a cultura local pode ou deve ser lida também a partir do local. Esse propósito se cumpre ao estabelecer uma relação entre a metonímia e a conceituação de cultura na sociedade pós-moderna recortando literariamente a obra de Otávio Gonçalves *Onde Cantam as Seriemas* e geograficamente o estado de Mato Grosso do Sul.

Palavras-chave: Estudos Culturais; Mato Grosso do Sul; Cultura Local.

Abstract: This article is a part of a research project CNPq/UFMS “(In) definitions in Local Cultures of Mato Grosso do Sul”. The present paper proposes a current reading of the theme and reasoned, based on the premise that local culture can or should also be read from the site. This purpose is accomplished by establishing a relationship between metonymy and conceptualization of culture in postmodern society literally cutting the work of Otávio Gonçalves Gomes where to *Onde Cantam as Seriemas* and geographically the state of Mato Grosso do Sul.

Keywords: Cultural Studies; Mato Grosso do Sul; Local Culture.

¹ Acadêmica do 4º Curso de Letras da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul (UFMS/CCHS), membro do NECC-UFMS (Núcleo de Estudos Culturais Comparados) bolsista de Iniciação Científica pelo PIBIC/CNPq, com o Plano de trabalho “(In) Definições Culturais nas Culturas Locais de Mato Grosso do Sul”, o qual faz parte do projeto “Cultura Local”.

² Professor Doutor dos Cursos de Graduação e Pós-Graduação do DLE/CCHS/UFMS. E-mail: ecnolasco@uol.com

Venho de um Cuiabá de garimpos e de ruelas entortadas. Meu pai teve uma venda no Beco da Marinha, onde nasci. Me criei no Pantanal de Corumbá entre bichos do chão, aves, pessoas humildes, árvores e rios. (BARRROS, 1997, p. 107)

1. Relações metonímicas e culturais

Este trabalho visa estabelecer uma relação entre a figura de linguagem denominada metonímia e a conceituação de cultura na sociedade pós-moderna, entretanto deve-se dizer que nossa reflexão objetiva romper com essa visão metonímica de cultura e dessa forma enfatizar que a cultura local tem de ser lida a partir do local. Esse local está delimitado geograficamente pela região que compreende o estado de Mato Grosso do Sul e teoricamente pela obra de Otávio Gonçalves, *Onde Cantam as Seriemas*, todavia não podemos nos esquecer que

(...) uma região não é na sua origem, uma realidade natural, mas uma divisão do mundo social estabelecida por um ato de vontade, demonstra, na praxis, uma das premissas básicas do comparativismo, que afirma a arbitrariedade dos limites e a importância de reconhecimento das zonas intervalares, das fronteiras e das passagens e ultrapassagens. (...) A região deixa de ser um espaço natural, com fronteiras naturais, pois é, antes de tudo, um espaço construído por decisão arbitrária, política, social, econômica, ou de outra ordem qualquer que não, necessariamente cultural e literária. (BONIATTI apud SANTOS, 2006, p.72)

Como toda reflexão do que quer que seja, passa necessariamente pelo campo lingüístico, precisamos primeiramente compreender como se dão os processos de modificação semântica das palavras dentro de uma língua, para em seguida refletirmos sobre a relação entre metonímia e cultura. Segundo Moritz

a língua, expressão consciente de impressões exteriores e interiores, está sujeita a uma perpetua transformação. As palavras mudam de significado ou por que as coisas se modificam ou porque a 'constelação psíquica' sob cuja influencia nasce o sentido do objeto, se altera graças a causas diversas. (apud Bechara, 2007, p. 397).

Com relação às causas que motivam a alteração de significados, encontramos as figuras de linguagem, dentre essas encontramos uma em particular que nos ajudará a compreender a convenção sobre os conceitos de cultura global e cultura local instituídos na pós-modernidade. John Fiske (1993) argumenta que a metonímia opera por associação de significados no mesmo plano, sendo entendida e conceituada num sentido mais amplo como um recurso que toma a parte pelo todo. Na gramática esse recurso define-se como “translação de significado pela aproximação de idéias”. (Bechara, 2007, p. 398). Vejamos alguns exemplos, nas frases: a) Diz a escritura que Deus criou o céu e terra em sete dias e b) Precisamos encontrar um teto amigo.

Em ambas as frases, ocorre um processo metonímico: em a) o termo escritura contempla o todo, no caso a bíblia, entretanto refere-se a uma parte, um versículo da bíblia; já em b), as palavras teto e amigo contemplam uma parte de uma residência visto que ela é constituída por paredes, chão, teto, móveis, etc; entretanto, nesse caso, refere-se ao todo, ou seja, a casa.

Analisando dessa forma, podemos pensar que a representação da realidade envolve inevitavelmente um processo metonímico, uma vez que escolhemos uma parte dessa realidade para representar o todo ou fazemos o movimento contrário. Considerando um acontecimento ou fato, e querendo atuar sobre ele através do uso da metonímia, é importante levar em conta que é a partir dele que constituímos o restante da realidade desconhecida; é também esta seleção que define o resto da imagem que construímos do acontecimento ou fato.

A aleatoriedade de uma determinada seleção metonímica encontra-se, muitas vezes, disfarçada ou simplesmente ignorada, passando despercebida e dessa forma, a metonímia institui-se como índice natural recebendo o estatuto do “real” e “inquestionável”. É o que acontece, por exemplo, com o par *cultura global/cultura local*. Toma-se a cultura global, englobando nela a cultura local, contudo lê-se a

cultura local a partir de uma ótica homogeneizante e universalizante. Em outras palavras, lança-se mão do já referido processo metonímico, no qual se opta por uma parte da realidade como referência ao todo e dessa forma, negligencia-se o local, enquanto um espaço de onde e do qual se possa falar.

De fato é humanamente impossível que conheçamos tudo que se passa no mundo; por essa razão, é que justamente recorremos à parte como forma de entender o todo. O problema é que tal situação opera intensamente sobre a “consciência global”, obrigando-nos a conhecer o mundo através de imagens e ideias selecionadas, em outras palavras, é apenas uma fração da realidade que nos atinge de forma unilateral e que nos leva a construir signos e mitos (como o de que a cultura local numa escala hierárquica estaria submetida à cultura global, e, portanto tem menos importância do que esta). Nesses signos e mitos pode haver maior ou menor consistência entre significantes, realidades, significados a que eles se relacionam, entretanto, eles são inevitavelmente uma necessidade para que consigamos entender o real e partilharmos e produzirmos cultura de alguma forma.

Bhabha, por sua vez, se vale do “processo de identificação” na analítica do desejo para formular o seu conceito de “metonímia da presença”³. Nesse sentido, o local existe ainda que contra a vontade ou à revelia dos anseios da globalização, que se fazendo presente tende a esconder e silenciar o local enquanto um espaço de produção cultural e intelectual. Segundo tal acepção, embora as imagens do passado emergjam no presente, elas não têm condições de interpelar ou reconhecer a identidade como presença, em razão de serem

³ Jacques Derrida em “Gramatologia” trata do conceito ‘metafísica da presença’. O logocentrismo metafísico, segundo Derrida, se basearia em um sistema de oposições binárias de conceitos, onde secularmente um dos termos seria valorizado enquanto outro desvalorizado, como: causa-efeito, presença-ausência, centro-periferia, positivo-negativo, essência-aparência, natureza-cultura, fala-escrita, etc.

criadas na ambivalência de um tempo duplo de interação que, na feliz frase de Derrida, ‘desconcerta o processo de aparição ao deslocar qualquer tempo ordenado no centro do presente’. O efeito desse desconcerto [...] é inaugurar um princípio de indecidibilidade na significação de parte e todo, passado e presente, eu e Outro, de modo que não possa haver negação ou transcendência da diferença. (BHABHA, 2008, p.89)

Dessa forma, a metonímia, figura de contigüidade, não deve ser lida simplesmente como forma de substituição ou equivalência simples. Do contrário, a exemplo do que ocorre no poema analisado por Bhabha da negra Meiling Jim, no qual um “eu” é relocado por um “olho” (an I for an eye), urge que a circulação de parte e todo, identidade e diferença, seja compreendida como um movimento duplo que segue o jogo derridaiano do “suplemento”. A instância subalterna da metonímia, em momentos que estruturam o sujeito da escrita e do sentido, é a dupla procuração da presença e do presente: o tempo (que tem lugar em) e o espaço (que toma o lugar de). A diferença cultural então, se contrapõe a noções relativistas de diversidade cultural ou ao exotismo da diversidade de culturas. Por essas razões, nosso trabalho

vê-se obrigado a lidar com questões de natureza sociológica e antropológica, como identidade, pertencimento e seus contrários, lutando contra ao senso comum habituado a descortinar apenas distancia e ausência na cultura da região; essa circunstancia, por sua vez, decorre da condição geográfica do local, do afastamento dos centros de legitimação cultural e ao possível descaso a que foi relegada a região, após extinção do ciclo de exploração do ouro, exploração da mão-de-obra indígena, exploração agrícola, ou mesmo ao interesse que a região desperta como terra de ninguém, exposta a toda sorte de aventureiros”. (SANTOS, 2008, p. 11)

O local por ele mesmo

Optamos por discutir a produção cultural local a partir da literatura local, pois entendemos que

a literatura é um exercício de reflexão, em que o escritor escreve e reflete acerca da sua espacialidade – dos elementos que a constituem. Daí, indagando-se acerca das formas ideológicas, culturais, políticas, econômicas etc., que encontra na sua vida cotidiana. Com suas indagações, insinua sugestões e elabora críticas que vêm ao encontro de outras leituras e interpretações, e de outros olhares e valores necessários para a compreensão ou estabelecimentos de formas alternativas aos padrões hegemônicos, ou seja, aponta formas de relações territorializadas, seus limites e possibilidades colocadas dentro da sociedade. (PINHEIRO, FERRAZ, 2009, p.92)

A cultura local a que nos referimos é a cultura delimitada geograficamente pelo território do estado de Mato Grosso do Sul. “Nesse sentido convém lembrar que a produção literária regional se produz pela fusão de elementos provenientes da tradição oral, da cultura popular ibérica, com textos absorvidos de outras literaturas”. (MASINA, 2002, p.98-99). Dentre os escritores que podem ser mencionados como representativos do local, a partir do qual enunciamos, temos: “Hélio Serejo, como representante do chamado *crioulismo* e do chamado ciclo da “erva-mate”; Brígido Ibanhes, que recupera, no romance, a *Décima Gaúcha*”, do romanceiro popular, cujo autor é o “bandoleiro-herói” Silvino Jacques; e ainda Raquel de Naveira; Lobivar Matos, Manoel de Barros e Hernani Donato” (SANTOS, 2008, p. 12), entre outros

Contudo, nosso trabalho, foca especificamente a obra de Otávio Gonçalves Gomes, *Onde Cantam as Seriemas*: trata-se de uma obra memorialística e histórica, pois retrata histórias de *personas* locais que vão sendo contadas conforme a lembrança permite ao autor. Nas palavras de Luís da Câmara Cascudo, autor do prefácio da obra em questão,

Otávio Gonçalves Gomes reuniu as figuras e episódios que o canto das seriemas evocara no espaço e tempo das lembranças indeformáveis (...). É um documentário que os acontecimentos, permanentemente esquecidos pelo historiador mecânico dos sucessos convencionais. O canto das Seriemas sobrevive à cronologia das lutas políticas e das sucessões administrativas, moldura imóvel das exposições oficiais,

ressuscitando 'casos' que foram emoções coletivas. São 'instantâneos' reais e não retratos da galeria protocolar e semelhante às galerias de todos os recantos da amada terra do Brasil. (GONÇALVES, 1975, p. 13)

A obra divide-se em 68 capítulos, nos quais Otávio Gomes

versa sobre as pessoas que conheceu na infância/adolescência, transformadas em "personagens" de sua evocação terna e sensível. Assim, lemos a respeito do circunspecto e misterioso Professor Pimenta, de sua escolinha e de seu "fordeco", o primeiro carro a percorrer as ruas de Ribas do Rio Pardo; de seu Olivério, agente da EFNB e instrutor dos escoteiros, grupo do qual Gomes fez parte durante certo tempo de sua infância; do pai Domingos Gonçalves Gomes, "homem bom e de coração aberto" (1975, p. 75), cujo maior orgulho foi ter conseguido formar em curso superior todos os filhos, ele que cursara apenas o primário ("Um homem às direitas", 1975, p. 75-79); da mãe, mulher bonita, bem vestida e grande cozinheira, enérgica e nervosa, "dona de casa na verdadeira acepção da palavra" ("Minha mãe", 1975, p. 81-82); da madrinha Delminda, do velho Cleves e de diversos outros, como Geraldo, companheiro de infância de Otávio e que serviu na Força Expedicionária Brasileira (FEB), na Itália, durante a segunda guerra mundial (ver "Um herói da FEB que não fala em guerra", 1975, p. 151-155), e Rui, menino extremamente peralta e endiabrado, que matava animais por puro sadismo e pegava dinheiro dos pais, mesmo com o cofre trancado a cadeado. Em sua juventude, entrou para o serviço militar com o desejo de tornar-se aviador, mas, como era epilético, foi desligado da Escola de Aeronáutica, fato que não o impediu de ser convocado pelo Exército e de ter servido na FEB. Foi para a segunda guerra mundial e retornou ao Brasil. Sem conseguir, a seu ver, ser "nada na vida", recusou-se a voltar ao Mato Grosso e se matou em Belo Horizonte. (BUNGART NETO, 2008, p. 03-04)

Otávio Gonçalves, nascido em Coxim, norte do Mato Grosso do Sul, e criado em Ribas do Rio Pardo, além de poeta era agrônomo, fato que incide diretamente sobre a produção literária do autor. O título de sua obra faz menção a uma ave típica do cerrado e da região Centro-Oeste, a Seriema. Para defini-la, ele recorre à etimologia do vocábulo, que na língua indígena, segundo ele, "Seri mais ema quer

dizer: ema com crista". (GOMES, 1975, p. 21). No mesmo capítulo, Gomes descreve o andar da ave que dá título a sua obra: "O andar da seriema é hirto; quando caminha parece uma donzela elegante, de salto alto, desfilando na passarela arenosa das estradas" (GOMES, 1975, p. 21). Segundo o autor

As seriemas vivem cantando, andam bradando seu clangoroso chamamento, sibilante e penetrante às vezes, tal qual um clarim. Seu canto é plangente e evocativo, ecoa triste pelas campinas. (...) Ouve-se o seu grito-canto a qualquer hora, desde alta madrugada até à noite. É justamente o som altissonante que chama a atenção dos viajores. É capaz de cantar horas a fio. (GOMES, 1975, p. 22)

Por ser agrônomo, o poeta se detém nas formas e cores da ave: "a coloração das pernas e do bico é vermelha e penas são pardacentas. Tem o pescoço comprido e um topete filiforme na cabeça, daí o nome científico *Cariama Cristata*". (GOMES, 1975, p. 21). Além disso, o poeta trata da alimentação e reprodução dessas aves. Elas alimentam-se "de insetos, lagartos, minhocas, pequenos animais, frutas e serpentes" (1975, p.21) e quando em época da reprodução "macho se reveza com a fêmea na época do choco" (1975, p. 22).

Gomes também retrata a estreita relação da ave com os seres humanos, "as seriemas podem viver junto ao homem, alimentadas com carne picada, guardam os galinheiros atacando os ofídios e os paióis dando caça aos ratos". (GOMES, 1975, p. 22). Ao encerrar o capítulo, Gonçalves afirma:

Há uma modinha caipira que diz:
Seriema de Mato Grosso
Seu canto triste me faz lembrar
Daqueles tempos que eu viajava
Tenho saudade do seu cantar.
(GOMES, 1975, p. 23)

Além da Seriema, há outros elementos retratados na poesia de Gomes muito específicos do local, como outras aves (Sabiá), frutos

(Guavira), lugares (Ribas do Rio Pardo) e pessoas da região. Da fruta Guavira o autor fala: “Guavira ou guabiroba, como dizem alguns, é uma frutinha silvestre com o formato de uma goiaba, mas do tamanho de uma azeitona”. (GOMES, 1975, p. 115). Sobre a forma e o sabor, descreve a fruta da seguinte maneira: “A casca é lisa e tem um sumo picante. O seu conteúdo é constituído de sementes em uma substancia gelatinosa, doce e muito saborosa. Sua cor é amarelo-esverdeada, ou amarelada simplesmente, quando madura”. (GOMES, 1975, p. 115).

Com relação às pessoas, podemos citar o capítulo intitulado “O Professor Pimenta”: que era maranhense e cujo nome era “Francisco Augusto de Aguiar Pimenta. Era letrado, bem falante, gostava de fazer discursos”. (GOMES, 1975, p. 51). Por sua profissão recebia o *status* de “orador obrigatório das festas sociais. Tinha a mania das declamações. A mais famosa delas era uma poesia francesa, que ninguém entendia, é claro”. (GOMES, 1975, p. 51). Relata o escritor: “o vi bocejar e observei que sua abóboda platina, não era como a das outras pessoas, mas vermelha, cor de lacre. [...] O céu da boca vermelho era uma dentadura com material daquela cor, nada mais”. (GOMES, 1975, p. 51).

Sobre a escola em que estudava, Gomes afirma que o regime da escola “era o de antigamente: decorar, e soletrar cantando. As pessoas antigas lembram-se com saudades daquela cantiga: um mais um - dois. Dois mais dois - quatro. Dois mais três - cinco. A classe cantando alto, compassado”. (GOMES, 1975, p. 54). Sobre a palmatória, falava:

Havia a palmatória, “santa luzia” de cinco olhos - de cinco furos. O terror da meninada; dos vadios, dos menos inteligentes, dos meninos rudos como dizem. Rudos eram as crianças que tinham dificuldade em aprender. Na hora da palmatória não se fazia distinção entre aluno inteligente, rudo ou retardado. No sábado havia a argüição com rodada de palmatória. Um aluno argüia outro sobre a taboada. O que não sabia “levava bolo” de palmatória do outro. Havia aluno que apanhava de ficar com as mãos inchadas. [...] O método deplorável sob todos os aspectos. Ensinar a criança a ser má. Despertando-lhe os instintos primitivos. (GOMES, 1975, p. 54).

No que se refere aos lugares, podemos mencionar o capítulo “A Vila de Rio Pardo”. Nele o autor descreve o local: “Na rua principal da vila, ampla e em linha reta instalavam-se, o comércio, a escola, o cartório e tudo mais que havia de importante no lugarejo. Uma rua comprida, cortada pelos trilhos da E.F. Noroeste, cujo comércio se fazia de um único lado, porque o “corte” da via férrea impedia o livre trânsito para o outro lado”. (GOMES, 1975, p. 25). Segundo Otávio Gomes, depois da estrada de Ferro, foram construídos os sobrados feitos pelo Filadelfo Alves da Silva que era seu tio-avô. O primeiro deles foi construído na fazenda Esperança. “Esse sobrado da vila sustinha-se em esteios de aroeira lavrada. [...] Na frente do sobrado havia três mangueiras naquela época, o ponto mais importante das reuniões da Vila”. (GOMES, 1975, p. 25).

Esse espaço é lugar de convívio social em que as pessoas locais se relacionam e socializam saberes locais. “Ali se faziam o ‘ponto’ de conversa e reuniões dos desocupados, dos filadores de cafezinho. Servia-se café na loja, à hora certa. Ali se trocavam de pontos de vista e realizavam-se negócios também”. (GOMES, 1975, p. 25). O espaço que envolvia a mangueira funcionava como uma espécie de assembléia popular, como expõe o próprio autor: “Debaixo da mangueira se decidiam todos os negócios da vila”. (GOMES, 1975, p. 25).

O espaço é, portanto, sistemas de formas e conteúdos interligados e interdependentes. Uma cidade, um porto, uma área rural não estão no espaço, são o espaço, ou seja, formas dotadas de conteúdo. Como menciona Lefèvre ‘não existe conteúdo sem forma, não existe forma sem conteúdo’. Nesta perspectiva, o espaço é uma construção e, simultaneamente, uma moldagem das relações sociais, e deve ser concebido com uma instância na sociedade, onde cada ação humana contribui para a sua produção. (ARAÚJO; FACINCANI, 2009, p.11)

Mais adiante, o autor trata sobre o crescimento do vilarejo. “O vilarejo crescia em marcha de carro de boi, pachorentamente”. (GOMES, 1975, p. 25), do comércio feito à base do carro de boi e à beira da Noroeste.

Esses carros vinham desde a divisa de Goiás; Baús, Capela, Sucuriú, Figueirão, Camapuã, Lontrinha, Entre-Rios (atual Rio Brillhante) e do rio Pardo abaixo até Porto XV. Esse mundo todo vinha comprar suas mercadorias na estrada de ferro, em Rio Pardo, na Casa Fontoura. Laucídio Coelho foi freguês na Casa Fontoura quando morava em Entre-Rios. (GOMES, 1975, p. 26).

Quanto aos fatos históricos, podemos mencionar o capítulo intitulado “A Revolução de 1924” que narra as repercussões do movimento tenentista ocorrido no estado de São Paulo na vila de Rio Pardo. Segundo ele, “o movimento rebelde de 1924 foi para nós, meninos daquela época, fonte perene de indagações e de sobressaltos”. (GOMES, 1975, p. 81). Sobre a vida no vilarejo nesse período ele afirma: “Soldados chegavam e saíam da vila. Os boatos e as notícias de roubos, assaltos, incêndios, depredações e outras judiarias por parte dos rebeldes, corriam de boca em boca”. (Gomes, 1975, p. 81). Os revoltosos não eram bem visto pelas pessoas “comuns”, sua presença trazia insegurança “embora, considerado herói por uma parcela da população das grandes cidades, no interior do Brasil, revoltoso era sinônimo de bandido, assassino e tudo de mau e ruim juntos”. (GOMES, 1975, p. 81).

Antes do movimento tenentista “o vilarejo de Rio Pardo vivia pacatamente com seus destacamentos de soldados da policia militar mineira fieis ao Presidente da República: Arthur Bernardes”. (GOMES, 1975, p. 81). Certa feita “os revoltosos chegaram de surpresa à fazenda dos Cuiabanos, próximo à vila. Prenderam o Tito, filho de Velho Chico Goiano, morador do vilarejo.”. (GOMES, 1985, p. 81). Depois de Tito ser interrogado foi mandado campear animais “quando os animais dispararam, ele correu atrás, e com isso distanciou-se, meteu-se no mato e fugiu. [...] Viajou o mais rápido que pode e foi avisar a tropa legalista e o povo de Rio Pardo. (GOMES, 1985, p. 82) do ataque. No ataque que os revoltosos fizeram a vila ...

os mineiros, destemidos defensores da vila, se haviam entrincheirado por de trás do lenheiro, e cerraram fogo nos revoltosos. [...] A salvação da vila foi um rapazinho, jovem franzino, mas calmo e valente. Entrincheirou-se atrás do forno da casa do Zé Domingos e de costas para estação, mas guarnecendo a retaguarda, foi matando os atacantes que conseguiam com muita dificuldade passar o brejo, as cercas de arame e surgiam por trás. [...] O ataque foi furioso, mas a resistência, tenaz. Os revoltosos, numerosos, não esperavam por isso. Eles costumavam atacar de surpresa, roubavam, destruíam e desapareciam. (GOMES, 1985, p. 83)

Depois de tratar do confronto entre o povo de Rio Pardo e a tropa Legalista, Gomes encerra este capítulo dizendo que embora a situação fosse séria, para as crianças era apenas uma brincadeira de “matar as curiosidades” inerentes a todas as crianças:

no meio dessa confusão toda, sempre havia um menino, bisbilhotando e querendo ver o que estava acontecendo. Quantas vezes foi preciso o meu pai nos ameaçar de bater, porque estávamos querendo ver, e as balas andavam zumbindo por toda parte. Foi assim que transcorreu o primeiro combate a bala a que assisti em minha vida. Não tendo noção do perigo, aquilo para mim foi mais uma divertida brincadeira de “bang bang”. (GOMES, 1985, p.84)

A obra de Otávio Gomes ao mesmo tempo em que resguarda a memória local, engendra um construto da cultura desse local através de histórias, que narradas e lembradas nas páginas de “Onde cantam as seriemas” delimitam esse local como um espaço de múltiplas vivências que exala reminiscências. O autor reafirma a força viva de sua espontaneidade comunicativa. “O livro leva a todos os olhos leitores o encantamento peculiar e local, patrimônio da região, testemunha das criaturas humanas que viveram sua hora de notoriedade peculiar”. (GOMES, 1985, p. 14). Conforme Heidegger “uma fronteira não é o ponto onde algo termina, mas, como os gregos reconheceram, a fronteira é o ponto a partir do qual algo começa a se fazer presente” (*apud* BHABHA, 2003, p.19). Esse algo apontado por Heidegger corresponde ao lugar de existência

do homem contemporâneo que vive nas *fronteiras do presente*, um entre-lugar, onde encontramos-nos em trânsito, em situação intervalar, onde espaço e tempo se cruzam e se bifurcam, produzindo, por conseguinte, “figuras complexas de diferença e identidade, passado e presente, interior e exterior, inclusão e exclusão”. (BHABHA, 2003, p.19). Nesse sentido, o que está para além das fronteiras também se faz presente no aquém dessa mesma fronteira. Não há um lugar específico ao global, nem um lugar restrito ao local, mas sim, um terceiro lugar, no qual ambas as esferas circulam e se movimentam. Ou seja, aqui e lá, para todos os lados, para lá e para cá, para frente e para trás, esse distúrbio de direção, essa sensação de desorientação, esse movimento exploratório que capta o “além” é onde se situa o que queremos denominar aqui de local de uma cultura.

Nas palavras do crítico hindu-britânico “O trabalho fronteiriço da cultura exige um encontro com ‘o novo’ que não seja parte do continuum de passado e presente. Ele cria uma idéia do novo como ato insurgente de tradução cultural. [...] O “passado-presente” torna-se parte da necessidade, e não da nostalgia, de viver”. (BHABHA, 2008, p.27)

O autor de “Onde Cantam as Seriemas” escreve como quem morre de amor pela sua terra. É bom que assim seja, pois que, lembrando Flaubert, “O que me parece mais belo é o que mais desejaria fazer”. E tudo repassado de um constante pintalgar de distantes clarões da infância, pondo em evidencia as palavras de Érico Veríssimo: “Não canso de repetir que nenhum adulto, por mais que se esforce, jamais conseguirá livrar-se completamente do menino que um dia foi.” (GOMES, 1985, Aba)

O conceito de cultura local para além da metonímia

Como expõe o próprio Bhabha (2008), a linguagem é uma das formas de construção de identidades, ao mesmo tempo em que institui as relações de poder entre os indivíduos; cria, reforça, projeta as diferenças culturais. Se é possível criar diferenças na e pela linguagem, é possível também, que se possa fazer com a mesma linguagem um movimento contrário, no qual, ainda que a diferença

já esteja constituída ela não atue como agente marginalizante, como ocorre quando se toma conceito de cultura e de literatura baseado nas concepções canônicas como correspondendo a todas as formas de cultura e de literaturas existentes. Nesse sentido, podemos dizer que a obra “Onde Cantam as Seriemas” contribui, pois está a “nadar contra corrente” no sentido de que descreve esse local não impondo sobre os outros espaços e culturas uma preponderância ou supremacia cultural. Trata-se de um local que não se impõe, não rivaliza com outros, mas coexiste, coabita, dialoga, não só com outros *locais*, mas com outros universais. Como bem explicita Luís da Câmara Cascudo:

Adotando uma linguagem simples, despojada, descarnada como a paisagem em que passeiam garbosas as seriemas, Otávio Gonçalves Gomes consegue fixar com êxito o cenário de uma pequena cidade do interior mato-grossense, com seus indefectíveis componentes: o rio, o sobrado, a mata e o homem que procura encher as horas com algo que lhe eleve a condição, utilizando os danos e as oportunidades que o destino lhe conferiu, numa época em que, à míngua dos meios de comunicação dos dias de hoje e dos hábitos de consumo que uniformizaram a vida das cidades interioranas, cada agrupamento humano podia ainda exibir suas características distintas, seu *modus vivendi* próprio, seu universo particular. (GOMES, 1985, *Aba*)

Nesse sentido, pode-se tomar nossa fala como uma procura ou uma tentativa de estabelecimento do local a partir da narrativa desse mesmo local, como fez Gomes em *Onde Cantam as seriemas*. Por essa razão, precisamos

refletir sobre como hoje, no interior de um sistema social no qual o fetichismo inicial da mercadoria tem sido já recompensado, redobrado e transbordado pelo “fetichismo das identidades e das diferenças”, essas ambiciosas empresas de nossa Consciência Humanitária, essa pretensão tão atual tão nossa e tão Ocidental de encarnar o Humano- com letra maiúscula- de saber significar de forma tão universal e tão definitiva seus limites, só se pode conseguir mediante uma sistemática depredação e recusa do Outro que se sustenta, mais do que no acréscimo da rivalidades e barreiras (econômicas, militares, religiosas, ideológicas, políticas, etc), na permanente exterminação de qualquer sinal de singularidade, de qualquer registro que pudesse ou romper a homologação lavrada

e esculpida por nosso princípio de identificação/ diferenciação, de qualquer vestígio de alteridade no “ser-outro-do-Outro”; exterminação, ainda que paradoxal e presumivelmente nunca finalizada, visto que, entre outras coisas, corre paralela à extrapolação enlouquecida do Mesmo, e à constante reprodução diferencial e perpétua produção (real e virtual, simbólica e imaginária) também, do Outro. (PLACER, 2001, p.80)

O Outro nesse texto é a literatura não hegemônica, eurocêntrica, branca, canônica, ou seja, é a literatura referente a um estado que não está localizado nos grandes centros culturais e que por isso, se pode dizer que é marginal. O fato é que retratar essa produção cultural faz com que ela saia da margem da sociedade e ocupe um lugar que lhe é de direito, um espaço no qual coabita até mesmo com os pressupostos universais e canônicos, contudo, essa coexistência não o coloca como um espaço subordinado numa hierarquia cultural. Nesse sentido, nos opomos a Candido que afirma que “a grandeza de uma literatura, ou de uma obra, depende da sua relativa intemporalidade e universalidade, e estas dependem por sua vez da função total que é capaz de exercer, desligando-se dos fatores que a prendem a um momento determinado e a um determinado lugar”. (CANDIDO, 2006, p.53). O fato é que não há como separar o espaço das relações sociais que o encampam, da mesma forma, não há como conceber qualquer produção cultural fora de um tempo ou espaço específico. Nesse sentido, a necessidade de existência de um espaço se faz no sentido de que

no universo das relações sócio-espaciais ‘o espaço e a organização política do espaço expressam as relações sociais, mas também reagem contra elas’. Nesse sentido, o espaço e sua organização condicionam, mas também refletem a sociedade, contendo as ações que se realizaram no passado e que deixaram suas marcas na paisagem. As características de cada sociedade, seu modo de vida, sua cultura estão presentes no espaço como uma identidade. (ARAÚJO, FACINCANI, 2009, p.16)

Como expõe Bhabha “é somente pela compreensão da ambivalência e do antagonismo do *desejo do Outro* que podemos evitar a adoção cada vez mais fácil da noção de um *Outro* homogeneizado, para uma política celebratória, oposicional, das margens ou minorias”. (BHABHA, 2008, p.87), como sempre fez e faz a tradição européia e etnocêntrica de mundo.

Referências

- ARAÚJO, Ana Paula Correia; FACINCANI, Edna Maria. A construção geográfica do espaço: uma revisão teórica. OLIVEIRA NETO, Antonio Firmino; BATISTA, Luiz Carlos. (orgs.) In: *Espaço e natureza: a produção do espaço sul-mato-grossense*. Campo Grande: Ed. UFMS, 2009.
- BARROS, Manoel de. *Livro Sobre Nada*. Rio de Janeiro: Record, 1997.
- BECHARA, Evanildo. *Moderna gramática portuguesa*. 37ª ed Rio de Janeiro: Lucerna, 2005.
- BHABHA, Homi Komi. *O local da cultura*. Trad. de Miriam Ávila et al. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2008.
- CANDIDO, Antonio. *Literatura e sociedade*. 3. ed. Rio de Janeiro: Sobre Ouro Azul, 2006.
- DERRIDA, Jacques. *Gramatologia* São Paulo: Perspectiva, 2006.
- FISKE, John. *Introdução ao estudo da comunicação*. Porto: Edições: Asa. 1995.
- GOMES, Otávio Gonçalves. *Onde cantam as seriemas*. São Paulo: Vaner Bicego Editora, 1975.
- NETO, Paulo Bungart. Onde cantam as seriemas, de Otávio Gonçalves Gomes: presença do regionalismo no memorialismo sul-mato-grossense. In: *Tessituras, Interações, Convergências*. São Paulo: XI Congresso Internacional da ABRALIC, 2008.
- PINHEIRO, Robinson Santos; FERRAZ, Cláudio Benito Oliveira. Linguagem Geográfica e Literária: apontamentos acerca da construção da identidade territorial sul-mato-grossense. In: *Revista Raído*, Dourados, MS, v. 3, n. 5, p. 87-101, jan./jun. 2009.
- PLACER, Fernando González. O outro: uma ausência permanentemente presente. In: LORROSA, Jorge, SKLIAR, Carlos. Trad. de Gorini da Veiga. *Habitantes de babel: políticas da diferença*. Belo Horizonte: Autêntica 2001.
- SANTOS, Paulo Sérgio Nolasco dos. *Fronteiras do local*. Campo Grande: Ed.UFMS, 2008.
- SANTOS, Paulo Sérgio Nolasco dos. *O outdoor invisível: crítica reunida*. Campo Grande: Ed.UFMS, 2006.